

CORRADINI, Sandra. Processo Colaborativo e Sujeito Autoral em Dança. Salvador: PPGDança/UFBA; Mestre em Dança. Artista-Pesquisadora em Dança.

RESUMO

Mais que afirmar qualquer suposto teórico acerca da autoria na dança, este trabalho indaga o direito de propriedade de ideias configuradas em processos compositivos em dança, inscritos em contextos colaborativos. Destina-se a uma breve reflexão teórico-crítica sobre o sujeito autoral no processo colaborativo em dança, aqui proposto no sentido de contribuir com o atual debate sobre o tema, cujos estudos ainda se mostram incipientes neste campo do conhecimento. Reconhece-se a recorrência da temática da contaminação como plano para o qual converge grande parte dos discursos de artistas-pesquisadores do corpo, que, criadores de suas próprias obras, ficam por vezes perplexos ante o plágio e à reprodução irreverente de suas ideias conformadas em produto artístico, quase sempre não referenciadas. Há, contudo, diversos aspectos que subjazem à prática colaborativa em questão, que prescindem de maior atenção investigativa, dado que não somente as ideias migram sem controle entre trabalhos artísticos e contextos distintos, como também os sujeitos criadores, que, na busca de sobrevivência, deslocam-se regularmente entre diferentes grupos, coletivos e campos de atuação, posicionando-se como interlocutores e autores particulares de suas próprias criações, afirmando ao mesmo tempo que estas, elaboradas em contextos colaborativos, resultam da autoria compartilhada entre todos. Tal problemática parece se complexificar quando os processos são interrompidos em virtude dos conflitos neles engendrados, tornando tanto a prática coletiva como a obra inexequível. Entende-se que as obras configuradas em contextos colaborativos resultam do encontro entre diferentes — diferentes sujeitos, corpos e campos disciplinares, que dialogam, compartilham e negociam ideias, conhecimentos e saberes diversos, coatuando em zona de transitividade — lugar de experiência que se instaura a partir de condições favoráveis à aproximação entre duas ou mais instâncias do conhecimento que apresentem afinidades conectivas e que se perpetua ao passo da maturação da experiência relacional configurada neste contexto. A horizontalidade — muitas vezes, exaltada — nas relações entre os sujeitos criadores que atuam no processo colaborativo parece ser um desejo de uma realidade a ser alcançada, do mesmo modo que a autoria compartilhada de uma obra artística elaborada por meio de processo colaborativo parece não resultar da soma das autorias particulares de cada um de seus sujeitos criadores. À luz dos estudos de Foucault acerca do autor, pretende-se compreender estes aspectos que permeiam os processos colaborativos em dança na atualidade.

Palavras-chave: Dança. Autoria Compartilhada. Processo Colaborativo. Contaminação. Zona de Transitividade.

ABSTRACT

Rather than asserting any theoretical assumption about the authorship of dance, this work asks the right of ownership of ideas set in compositional

processes in dance, enrolled in collaborative contexts. Intended to reflect briefly on the theoretical-critical authorial subject in the collaborative process of dance, here proposed to contribute to the current debate on the subject, whose studies show this nascent field of knowledge. It recognizes much of the discourse of artist-researchers from the body, which, creators of their own works, sometimes are perplexed before the plagiarism and irreverent reproduction of their ideas conformed into artistic product, almost never referenced. However, there are several aspects that underlie the collaborative practice in question, which prescind from a greater investigative attention, since not only the ideas migrate out of control between different artistic works and contexts, as well as creative subjects, which in search of survival are moving regularly between different groups, collectives and fields of situation, positioning themselves as interlocutors and individual authors of their own creations, while stating that these, developed in collaborative contexts, the result of shared authorship among all. This problematic seems to complexify when processes are interrupted because of the conflicts engendered in them, making both the collective practice and work unenforceable. It is understood that the works set in collaborative contexts result of the encounter between different — different subjects, bodies and disciplines - that dialogue, share and negotiate various ideas, knowledge and learning, co-operating in the transitivity zone — a place of experience that is established from the favorable conditions for closer relations between two or more instances of knowledge which have affinities connectives and that perpetuate the step of maturation of relational experience set in this context. The horizontality — often exalted — in relations among individuals who work in creative collaborative process seems to be a desire for reality to be achieved in the same way that the shared authorship of a work of art developed through the collaborative process does not seem to result the sum of the individual authorship of each of his creative subjects. In light of Foucault's studies about the author, seeks to understand these issues that permeate the collaborative processes in dance today.

Keywords: Dance. Shared Authorship. Collaborative Process. Contamination. Transitivity Zone.

Este trabalho destina-se a uma breve reflexão teórico-crítica sobre o sujeito autoral no processo colaborativo em dança, aqui proposto com o intuito de contribuir com novas perspectivas para o atual debate sobre o tema, visto a crescente expansão deste modo de produção na criação de obras de dança em face dos incipientes estudos acerca dos processos autorais colaborativos neste campo do conhecimento. Sabe-se, pois, que semelhanças entre obras coreográficas são recorrentes no mundo da dança. Entre umas, mais; entre outras, menos; o que não raro se percebe são as ideias migrando para lá e para cá, configurando-se similares em diferentes obras de dança. Neste contexto, insurge a temática da contaminação como um plano para o qual converge grande parte dos discursos de artistas, que por vezes ficam perplexos ante o plágio e à reprodução de suas ideias configuradas em obras alheias, raramente referenciadas. Entretanto, esse fenômeno é aqui focado por uma via positiva, partilhando alguns estudos na dança que entendem a dinâmica contaminatória, indispensável para a evolução dos processos culturais, por favorecer a sobrevivência das ideias ao longo do tempo e

empreender mobilidade ao conhecimento. Baseados em teorias recentes no campo da biologia¹, estes estudos descrevem a ideia, mínima que seja, como uma estrutura informativa viral e autônoma que transita e instala-se em cabeças pensantes, replicando-se de modo não planejado e sem garantia de fidelidade de cópia, propagando a informação em diferentes contextos. A ressalva que se faz refere-se ao caráter intencional que demonstram ter os processos inscritos na cultura, passíveis de serem conduzidos segundo interesses e objetivos específicos. A pesquisadora de dança Fabiana Dultra Britto acrescenta:

Inteiramente diferente da noção de transferência de características, contida na ideia de influência, a ideia de contaminação contém um sentido não diretivo nem autoral, mas constante e inevitável: refere-se ao caráter residual da interatividade processada entre os múltiplos agentes. Um relacionamento gerador de efeitos não planejados que se propagam ao longo do tempo (BRITTO, 2008, p. 30).

No campo filosófico, Foucault colabora para o entendimento da propagação de ideias coreográficas com seus estudos acerca do autor ao discorrer sobre semelhanças e analogias entre distintas obras, apontando a imitação passível de desencadear enunciados bem distintos. Foucault reconhece que o autor tem de fato uma certa importância, não desmerece o autor comum, mas o distingue do autor instaurador de discursividade, o qual possibilita a formação de novos discursos, excedendo a própria obra. Para ele, “a instauração de uma discursividade é heterogênea às suas transformações ulteriores” (2001, p. 23).

No contexto autoral, é sabido que os *hackers* de ideias sempre transitaram sem controle subvertendo as ordens do sistema, levando à criação de mecanismos ligados à obstrução no acesso à informação a fim de se evitar cópias não autorizadas de obras criativas. Dispostos a erradicar tal comportamento defensivo, alguns autores e criadores criaram e passaram a aplicar a licença *Copyleft* a seus trabalhos, autorizando cópias e modificações parciais ou completas de suas obras. Criado em oposição à expressão *Copyright – All Rights Reserved*, usada para afirmar os direitos do autor, o termo *Copyleft* passou a ser utilizado como um tipo de licença viral com o fim de desobstaculizar a obra quanto à sua utilização, difusão e modificação, criando condições mais favoráveis não só à sua continuidade, como à expansão do conhecimento.

Neste cenário, destacam-se duas tendências opostas no comportamento autoral: num extremo, a proteção à autoria e a preservação da integridade da obra em suas informações originais; no outro, o desaparecimento do autor em favor da continuidade da obra. Não se pretende, contudo, analisar os aspectos que sustentam tais tendências polarizadas, mas atenta-se para o fato de que ambas apontam para o autor como sujeito anterior e exterior à obra, aparentemente, acrescenta Foucault, orientando para a necessidade de olhar com mais acuidade para a obra como processo e não como produto, e para o princípio ético que norteia a prática criativa. Por um lado, é preciso compreender que o autor não se refere simplesmente a uma assinatura capaz de delimitar uma propriedade privada que irá lhe garantir os benefícios de sua

¹ Sobretudo, os estudos de Dawkins (2007) e os de Cavalli-Sforza (2003).

posse; por outro, falar em desaparecimento do autor não significa dizer que o autor deixou de existir, mesmo porque não há obra sem autor, mas que sua morte se consagra a cada momento da sua produção discursiva, no ato da feitura da obra. Foucault ressalta que “a marca do escritor não é mais que a singularidade da sua ausência” (2001, p. 7) e destaca a importância do retorno ao material original em busca do que foi marcado pelo esquecimento, pela lacuna deixada no discurso da obra. Esse retorno, diz Foucault, “faz parte do próprio discurso, não cessa de modificá-lo” (2001, p. 26), e não se trata de um adicional histórico que visa complementar a discursividade, mas de um trabalho efetivo e necessário de transformação da própria discursividade.

O processo colaborativo na criação de obras artísticas torna-se a cada dia uma realidade irrefutável. Trata-se de uma proposta que desafia os tradicionais modos de produção no campo das artes, caracterizando-se na dança como um modo de contestação e resistência, abarcando artistas e pesquisadores do corpo, e profissionais de campos afins, que se agrupam temporariamente em torno de temáticas comuns, com objetivos de igual ressonância, pleiteando a inserção de seus trabalhos no contexto cultural e, não raro, a distribuição financeira igualitária entre todos. Mais que objetivar um produto acabado ou esgotar uma temática conformada em produto artístico, o processo colaborativo enfoca o compartilhamento de informações no decorrer da criação da obra, constituindo-o num lugar de diálogo, interação e negociação constantes, aqui entendido como *zona de transitividade* (CORRADINI, 2010); um lugar de experiência que se instaura a partir de condições favoráveis à aproximação entre duas ou mais instâncias do conhecimento que apresentem afinidades conectivas e que se perpetua ao passo da maturação da experiência relacional configurada neste contexto. Trata-se de um espaço de troca no qual sujeitos de distintas formações cooperam para a criação da obra, atuando como interlocutores de seus próprios campos de atuação. Conforme afirmam alguns artistas, neste lugar opera-se de modo horizontal, com relações não hierarquizadas, firmadas pelo desejo de constituir uma obra cuja autoria seja compartilhada entre todos. Em geral, a obra resultante é apontada como inacabada, intencionando-se a continuidade do processo.

Os processos colaborativos em dança consistem num ambiente heterogêneo e com alto potencial de politização, dado pelas distintas lógicas discursivas/comportamentais dos sujeitos que atuam neste lugar tipicamente relacional. Não raro, conflitos são engendrados no âmbito da criação, desencadeados pelos desentendimentos gerados nos embates das ideias, tornando por vezes a prática coletiva e a obra inexequíveis. Neste lugar, uma percepção, uma ideia ou um discurso verbal ou corporal formulado refere-se, como sugere Foucault (2001), a um agenciamento coletivo que emerge singularizado no sujeito que o formaliza, não ocorrendo nem isolado no sujeito individual, nem à parte do contexto. Neste sentido, é possível reconhecer que o sujeito criador que atua no processo colaborativo não é o autor ou proprietário particular do discurso que ele traz na obra resultante e nem que esta consiste na somatória de autorias particulares de seus sujeitos criadores. Ele só é autor na condição de parte constituinte do coletivo, na singularidade da formação específica de seu grupo, sendo assim possível compartilhar a autoria de uma obra singular criada colaborativamente.

Em casos de processos interrompidos por dissenso, indaga-se se não caberia ao sujeito autoral uma análise retrospectiva em busca das lacunas deixadas no processo e verificar se a horizontalidade é de fato, para ele, um desejo de uma realidade a ser alcançada ou um subterfúgio de autoafirmação, pois o relacionamento entre dois sujeitos ou mais é sempre um aprendizado contínuo e dinâmico, dificilmente ajustável a modelos pré-definidos. Talvez ainda importe pensar que não basta afirmar a autoria compartilhada sem refletir as regras que irão operar sobre ela para além do processo, e depois, em situações emergenciais, submeter o problema à responsabilidade de um saber especialista, mesmo porque, como se sabe, nesse processo, não existem respostas prontas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITTO, Fabiana. Dultra. **Temporalidade em Dança: Parâmetros para uma História Contemporânea**. Belo Horizonte, MG: FID Editorial, 2008.
- CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. **Genes, Povos e Línguas**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.
- CORRADINI, Sandra. **Dramaturgia na Dança: Uma Perspectiva Coevolutiva entre Dança e Teatro**. Dissertação (Mestrado em Dança). 149f. Programa de Pós-Graduação em Dança – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2007.
- FOUCAULT, Michel. “**O que é um Autor?**”. In: **Ditos e Escritos: Estética – Literatura e Pintura, Música e Cinema**. (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- <http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault _autor.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2011.